

COM PENALIZAÇÃO DA ESMOLA

Centros abertos começam a ganhar vida

FAZER cumprir a nova postura urbana sobre a esmola é uma vontade Conselho Municipal da Cidade de Maputo, que pretende controlar o movimento de pessoas vulneráveis e facilitar a programação e realização de acções de caridade em seu benefício.



Momento de confraternização no Centro Aberto da Malhangalene

Com o início da implementação da medida, os centros abertos estão a ganhar vida, na medida em que é para lá onde recorrem os desfavorecidos para receber a

assistência.

A mendicância é um meio de sobrevivência para muitas pessoas que não têm alternativa. Quem anda pelas ruas de Maputo, certamente que já foi interpelado

por indigentes que se posicionam em várias esquinas, sobretudo nas grandes cidades. "Estou a pedir patrão", suplicam. Era comum vê-los deambulando pela cidade, vencidos pela fome e pelo cansaço

de bater à porta de loja em loja, estendendo as mãos pálidas na esperança de gorjeta.

A medida visando combater esta desordem foi aprovada pela Assembleia Municipal, depois de

ter sido proposta pelo pelouro de Saúde e Acção Social do Município de Maputo. O levantamento feito pela edilidade apontava para a existência de mais de 200 pessoas na mendicância.

"Há famílias inteiras a pedir esmola, algumas das quais com capacidade para o trabalho, mas simplesmente optam pela mendicância, que é um caminho mais fácil", apontou a vereadora de Saúde e Acção Social, Yolanda Manuel.

Como forma de desencorajar a prática, que é comum em muitas ruas e artérias da cidade, a postura prevê sanções, a partir do início deste ano, contra as pessoas que dão e pedem esmola.

A postura tem como fim último a integração deste grupo-alvo em actividades socialmente úteis, em centros abertos inseridos nas comunidades. É para estas instituições onde devem ser canalizados os apoios, sejam em géneros alimentícios ou em forma de vestuário e instrumentos de trabalho, provenientes de pessoas singulares e colectivas.



Zaida Novela deseja voltar à sua terra natal

À espera de dias melhores

O MAIOR desejo de Zaida Novela é de voltar à sua terra natal, Inharrime, na província de Inhambane. Aos 68 anos de idade, a anciã, que reside em Matendene, sente-se inapta para se manter na "hostil" cidade de Maputo.

No ano passado, o "Notícias" contou a história de vida desta idosa, que nos últimos tempos também frequenta o Centro Aberto da Malhangalene, onde recebe uma cesta básica para alimentar os quatro netos órfãos.

Zaida tem poucos motivos para sorrir. É viúva e gerou nove filhos dos quais, apenas um está vivo. Entregue à sorte e sem outros meios para se manter, começou a pedir esmola até que a prática

passou a ser penalizada pelo Conselho Municipal. Pouco ou quase nada mudou na sua rotina. Aliás, as suas preocupações aumentam cada dia que passa.

Actualmente reside na casa da falecida filha. Porém, teme que a qualquer momento seja despejada pela família do genro, que também pereceu. Uma das suas maiores mágoas é não ter nenhuma informação sobre a sua filha que vive na África do Sul.

"Ela foi fazer compras na África do Sul, em Abril, e até hoje não liga nem dá sinal. Não sei se ela está viva", lamentou.

A postura que sanciona a mendicância foi aprovada em 2016. Contudo, é a partir deste ano que a

mesma começa a ser fiscalizada. A vereadora de Saúde e Acção Social, Yolanda Manuel, explica que antes houve a necessidade de divulgação da postura, de modo que a sua plena aplicação não constitua surpresa para o cidadão.

"Antes de se criminalizar a mendicância, procurámos dar a conhecer a postura. Por isso, aqueles que forem renitentes e continuarem a dar esmola à porta das lojas, restaurantes e outros estabelecimentos serão sancionados, de acordo com que é previsto pela norma", explicou, acrescentando que os centros abertos existem para que a assistência aos desfavorecidos não seja feita de forma desregrada.

Viver à base de caridade

APESAR de a autarquia garantir que será menos tolerante à esmola, tal é ainda pouco dissuasivo para quem sempre viu na caridade a fonte de sobrevivência.

Para Rossana Fernando, de 62 anos de idade, a proveniência da esmola não conta. O mais importante é que haja algum bem para sustentar a família.

A mesquita da baixa foi sempre um porto seguro para este grupo

da Mafalala, subúrbio dos arredores da capital, para ir se juntar a outros idosos que, pacientemente, aguardavam pela sua vez de receber o "rancho".

"Ir sozinha é difícil, mas tenho que aguentar. No sofrimento, aguentamos tudo", disse resignada. O exercício era mais intenso por altura do Ramadão, onde os gestos de solidariedade são mais frequentes.

Com a nova postura urbana,

Aberto da Malhangalene, que passa a atender as suas necessidades. Nesta instituição, todas as sextas-feiras recebe uma cesta básica composta por cereais, para reforçar as refeições do agregado familiar.

Sob sua responsabilidade, estão quatro netos que perderam os pais. "Sou avó, mas também mãe para os meus netos. Por isso, gostaria de comprar e revender sacos de carvão para que eles continuem a

facilidades, conseguiu passar o último Natal de forma condigna, graças à ajuda de um sobrinho, que reforçou a dieta alimentar, com arroz, batata e algum dinheiro.

São vários os motivos que levam as pessoas, de todas as idades, a optarem pela mendicância, como forma de sobrevivência. A pobreza extrema é, sem dúvida, o motivo mais invocado e, ao mesmo tempo, o véu de problemas sociais dentro

de vidúos a abrir mão do seu orgulho para mendigar.

Paradoxalmente, outros recusam a dar-se por vencidos e, no meio das adversidades, procuram ser úteis à sociedade.

Para Lurdes Cossa, de 32 anos, mendigar nunca foi opção, não obstante a sua deficiência física, resultante de uma doença contraída na adolescência.

A imobilidade dos membros

esmola é uma vontade Conselho Municipal da Cidade de Maputo, que pretende controlar o movimento de pessoas vulneráveis e facilitar a programação e realização de acções de caridade em seu benefício.



Momento de confraternização no Centro Aberto da Malhangalene

Com o início da implementação da medida, os centros abertos estão a ganhar vida, na medida em que é para lá onde recorrem os desfavorecidos para receber a

assistência.

A mendicância é um meio de sobrevivência para muitas pessoas que não têm alternativa. Quem anda pelas ruas de Maputo, certamente que já foi interpelado

por indigentes que se posicionam em várias esquinas, sobretudo nas grandes cidades. "Estou a pedir patraão", suplicam. Era comum vê-los deambulando pela cidade, vencidos pela fome e pelo cansaço

de bater à porta de loja em loja, estendendo as mãos pálidas na esperança de gorjeta. A medida visando combater esta desordem foi aprovada pela Assembleia Municipal, depois de

ter sido proposta pelo pelouro de Saúde e Acção Social do Município de Maputo. O levantamento feito pela edilidade apontava para a existência de mais de 200 pessoas na mendicância.

Viver à base de caridade

APESAR de a autarquia garantir que será menos tolerante à esmola, tal é ainda pouco dissuasivo para quem sempre viu na caridade a fonte de sobrevivência.

Para Rossana Fernando, de 62 anos de idade, a proveniência da esmola não conta. O mais importante é que haja algum bem para sustentar a família.

A mesquita da baixa foi sempre um porto seguro para este grupo social. O ritual repetia-se todas às sextas-feiras, quando saía do bairro

da Mafalala, subúrbio dos arredores da capital, para ir se juntar a outros idosos que, pacientemente, aguardavam pela sua vez de receber o "rancho".

"Ir sozinha é difícil, mas tenho que aguentar. No sofrimento, aguentamos tudo", disse resignada. O exercício era mais intenso por altura do Ramadão, onde os gestos de solidariedade são mais frequentes.

Com a nova postura urbana, Rossana Fernando trocou as romarias à mesquita pelo Centro

Aberto da Malhangalene, que passa a atender as suas necessidades. Nesta instituição, todas as sextas-feiras recebe uma cesta básica composta por cereais, para reforçar as refeições do agregado familiar.

Sob sua responsabilidade, estão quatro netos que perderam os pais. "Sou avó, mas também mãe para os meus netos. Por isso, gostaria de comprar e revender sacos de carvão para que eles continuem a estudar", disse.

Ainda assim, no meio das di-

ficuldades, conseguiu passar o último Natal de forma condigna, graças à ajuda de um sobrinho, que reforçou a dieta alimentar, com arroz, batata e algum dinheiro.

São vários os motivos que levam as pessoas, de todas as idades, a optarem pela mendicância, como forma de sobrevivência. A pobreza extrema é, sem dúvida, o motivo mais invocado e, ao mesmo tempo, o véu de problemas sociais dentro das famílias. Maus-tratos, abandono e rejeição, também levam indi-

víduos a abrir mão do seu orgulho para mendigar.

Paradoxalmente, outros recusam a dar-se por vencidos e, no meio das adversidades, procuram ser úteis à sociedade.

Para Lurdes Cossa, de 32 anos, mendigar nunca foi opção, não obstante a sua deficiência física, resultante de uma doença contraída na adolescência.

A imobilidade dos membros inferiores não a impede de trabalhar, por conta própria, na pequena banca onde vende amendoim e maçãs, junto à sua casa no bairro da Maxaquene. "Minhas amigas já me convidaram para ir pedir esmola na baixa, mas recusei. Não peço nada a ninguém, as pessoas é que me dão", afirmou. Quando muito, o Centro Aberto da Malhangalene complementa os ganhos do seu pequeno negócio, sem que se torne dependente da assistência.

O seu maior orgulho é ver os filhos na escola, alimentados e vestidos, tudo isto conseguido com o suor do trabalho. Espera que um dia os seus três filhos recompensem o seu sacrifício e tenham uma vida decente.

"Meu sonho é de um dia os meus filhos construir uma casa, porque agora moro na residência da minha falecida irmã", disse.



Zaida Novela deseja voltar à sua terra natal

À espera de dias melhores

O MAIOR desejo de Zaida Novela é de voltar à sua terra natal, Inharrime, na província de Inhambane. Aos 68 anos de idade, a anciã, que reside em Matendene, sente-se inapta para se manter na "hostil" cidade de Maputo.

No ano passado, o "Notícias" contou a história de vida desta idosa, que nos últimos tempos também frequenta o Centro Aberto da Malhangalene, onde recebe uma cesta básica para alimentar os quatro netos órfãos.

Zaida tem poucos motivos para sorrir. É viúva e gerou nove filhos dos quais, apenas um está vivo. Entregue à sorte e sem outros meios para se manter, começou a pedir esmola até que a prática

passou a ser penalizada pelo Conselho Municipal. Pouco ou quase nada mudou na sua rotina. Aliás, as suas preocupações aumentam cada dia que passa.

Atualmente reside na casa da falecida filha. Porém, teme que a qualquer momento seja despejada pela família do genro, que também pereceu. Uma das suas maiores mágoas é não ter nenhuma informação sobre a sua filha que vive na África do Sul.

"Ela foi fazer compras na África do Sul, em Abril, e até hoje não liga nem dá sinal. Não sei se ela está viva", lamentou.

A postura que sanciona a mendicância foi aprovada em 2016. Contudo, é a partir deste ano que a

mesma começa a ser fiscalizada. A vereadora de Saúde e Acção Social, Yolanda Manuel, explica que antes houve a necessidade de divulgação da postura, de modo que a sua plena aplicação não constitua surpresa para o cidadão.

"Antes de se criminalizar a mendicância, procurámos dar a conhecer a postura. Por isso, aqueles que forem renitentes e continuarem a dar esmola à porta das lojas, restaurantes e outros estabelecimentos serão sancionados, de acordo com que é previsto pela norma", explicou, acrescentando que os centros abertos existem para que a assistência aos desfavorecidos não seja feita de forma desregrada.



Rossana Fernando trocou a mesquita pelo centro



"Não peço nada a ninguém" - Lurdes Cossa